

PATER



EM ALTA



EM BAIXA

A apreensão de uma tonelada de camarões, pescados no período de defeso da espécie, que só termina no próximo dia 31 de maio, como **A Tribuna** registra em reportagem publicada na página oito da edição de ontem. Garantir a reprodução do crustáceo é fundamental, para que ele não desapareça no restante do ano.

As deficiências do policiamento na Serra, tema de reportagem publicada na página 20 da edição de ontem de **A Tribuna**. Ostentando o nada honroso título de mais violento município de todo o País, a Serra conta hoje com 426 policiais militares e 400 mil habitantes. Equivale a dizer que existe um PM para cada mil serranos.

TRIBUNA NAS RUAS

Você empregaria parente se tivesse mandato?

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT



SIM. Se eu tivesse um mandato no Legislativo, na esfera municipal, estadual ou federal, a primeira coisa que faria seria nomear meus parentes. Lógico que daria oportunidade para eles. Todos fazem isso, eu não seria diferente.

Paulo Antônio Teixeira, 46 anos, camelô, Bangu (RJ)



SIM. Claro que empregaria, se tivessem estilo, ou seja, se estivessem preparados para a função de assessor parlamentar. Não tenho nada contra, desde que tenham capacidade, estejam aptos para o trabalho. De outra forma, não.

Valdenir José Rosário, 39 anos, lavrador, Marechal Floriano (ES)



NÃO. Existem muitos desempregados com qualificação adequada para exercer função em gabinete parlamentar. Parlamentares são eleitos para abrir campo de trabalho, gerar emprego e renda para todos, não apenas para suas famílias.

Jânio da Silva, 44 anos, sindicalista, Vale Encantado, Vila Velha



SIM. Eu não colocaria a família inteira, só os que estivessem preparados para o cargo e tivessem a formação adequada, com os cursos compatíveis à função disponível. Não é porque são meus parentes que os deixaria desempregados.

Josenara Silva Jesus, 33 anos, dona-de-casa, Cruzamento, Vitória



NÃO. Parente é parente, gera confusão. Devido aos laços sanguíneos, iriam querer maior liberdade, privilégios, não daria certo. É melhor colocar outras pessoas, que sejam eficientes para exercer função de assessor parlamentar.

Rosa Maria Miossi, 74 anos, costureira, Nova Carapina, Serra



NÃO. Se a gente conseguiu chegar, após muita luta, não é justo encher o gabinete de parente. É preciso escolher bem os assessores, para que o trabalho seja conhecido e valorizado pela sociedade. Não é certo só contratar parentes.

Eva Costa, 51 anos, cozinheira, Parque Gramado, Cariacica



PEDRO MAIA

Tempos difíceis

O Arquivo Público do Espírito Santo, com apoio da Rádio Suíça Internacional e por intermédio da Associação Cultural e Recreativa de Campinho, editou e publicou recentemente o livro "Viagem à Província do Espírito Santo - Imigração e Colonização Suíça - 1860", no qual divulga o pungente relato do viajante Johann Jakob von Tschudi, que por aqui esteve em meados do século XIX, designado pelo governo da Suíça para averiguar as condições de vida dos imigrantes europeus na América do Sul.

O livro conta ainda com fotos inéditas do fotógrafo francês Vector Frond - talvez as pri-

meiras a ser feitas em território capixaba. Elas mostram a Vitória de 1860, quando aqui esteve o imperador Pedro II em visita de inspeção às províncias do Norte.

Trata-se de documento histórico indispensável para se conhecer o que era a vida dos primeiros imigrantes europeus em terras brasileiras, atraídos por promessas enganosas de empresários gananciosos e pela perspectiva de vida melhor em terras do Novo Mundo.

Aqui encontraram matas fechadas, infestadas de moléstias tropicais, feras selvagens e índios hostis.

Mesmo contra todas as possibilidades de sucesso, muitos

desses heróicos imigrantes conseguiram romper as dificuldades e formaram colônias, que hoje são cidades progressistas e marcos da civilização europeia em terras brasileiras.

O suíço Tschudi visitou as colônias de Santa Leopoldina, Santa Isabel (núcleo original do hoje município de Domingos Martins) e Rio Novo, essa última um empreendimento particular.

O livro em questão foi resultado do empenho do atual diretor-geral do Arquivo Público do Espírito Santo, Agostino Lazzaro, que contou com efetiva colaboração de pesquisadores e jornalistas capixabas.

Esse trabalho marca também

o retorno de edições editoriais do Arquivo Público, interrompidas desde 1989.

A tradução do relato de von Tschudi ficou a cargo de Nara Saleto e Erlon José Paschoal. O colega jornalista Gilmar Franceschetto produziu o posfácio sobre a atuação do fotógrafo Victor Frond no Estado.

O curioso desse importante relato é que seu autor, Johann Jakob Von Tschudi, pinta o Espírito Santo como sendo o fim do mundo, chegando mesmo a afirmar que o então presidente da Província, o pernambucano Antônio Alves de Souza Carvalho, estava "exilado" por aqui.

Criticou de maneira severa e contundente as condições de vida na colônias, especialmente na de Santa Leopoldina, que afirmou "não ter nenhum futuro, estando fadada ao fracasso total".

Tschudi fala das mazelas que envolveram muitas autoridades encarregadas dos assuntos referentes à imigração, e critica a divisão dos lotes destinados aos colonos.

Afirma que eles eram enganados na Europa, onde lhes mostravam fotos de terrenos planos e limpos, com promessas de moradia, sementes e

ferramentas para o trabalho agrícola. A verdade era bem outra...

O relatório do suíço mais tarde provocaria reação do comendador José Fernandes da Costa Pereira, recém-nomeado presidente da Província, que em 1861 o acusa de "calúnias e falsidades" contra a imigração de europeus no Brasil.

São muitas as histórias narradas pelo suíço sobre as condições sociais e econômicas das colônias por ele visitadas, descrevendo imagens curiosas e prosaicas daqueles tempos difíceis, como, por exemplo, a maneira como viviam os colonos de Santa Leopoldina, em constantes conflitos religiosos (católicos e protestantes) "vadios e decadentes", segundo ele.

Tschudi narra inclusive a história do barão conhecido como Pfuhl que, depois de elevado à condição de diretor da colônia, teria sido envenenado por ordem dos "capuchinhos" do "partido" dos católicos, o que nunca ficou devidamente comprovado.

Enfim, um livro que deve ser lido por todos aqueles que se interessam pela história da imigração europeia no Espírito Santo.

Que venham outros!!!